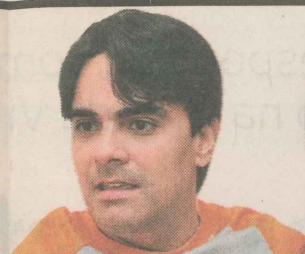


Dia a dia

AS19909



“Na cadeia, aprendi a torcer pelo outro. Hoje, estou reconstruindo a vida com o apoio de Deus”

GUILHERME DE PÁDUA, EX-ATOR, QUE CUMPRIU PENA PELA MORTE DA ATRIZ DANIELA PEREZ **• PÁG. 8**

Fora da ordem. Eles convivem com a sofisticação, sem fazer parte dela, e resistem a ir embora

O lado B da área nobre

É possível encontrar moradias bem simples em bairros onde há apartamentos de altíssimo padrão

CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

■ A um passo da sofisticada Praia do Canto, em Vitória; a menos de um quilômetro da orla de Itapoã, em Vila Velha; no coração de Jardim da Penha, também na Capital, bem pertinho da Praia de Camburi, eles dão um toque diferente ao cenário. Moram em casas bem humildes, de madeira ou alvenaria, ou em apartamentos de conjuntos habitacionais.

Maria José Trindade, Iracema Guedes e Edna Maria Gal-

vão Guedes são alguns dos personagens desta reportagem que exhibe o “lado B” de áreas que, ao longo dos últimos anos, fruto da especulação imobiliária, mudaram de cara, tornando-se sofisticadas e proibitivas para o bolso de muita gente.

Não por acaso, a filha de Maria José Trindade, Rayane, 16, conta que, com frequência, colegas dão um sorriso debochado quando ela fala que mora na Praia do Canto - na realidade, na Rua da Grécia, em Santa Luíza, a poucos metros do vizinho bairro nobre, com o metro quadrado mais caro da Capital - na Avenida Saturnino de Brito - o preço chega a R\$ 6 mil.

Na mesma Rua da Grécia, mas no lado do Barro Vermelho, dona Maria Bravin Gave,

IPTU/2009 em Vitória e Vila Velha

Confira os valores

Bairro	Menor (R\$)	Maior (R\$)
Jardim Camburi	48,46	1.724,77
Santa Luíza	50,16	6.370,65
Jardim da Penha	48,37	2.710,15
Praia do Canto	49,41	6.871,03
Barro Vermelho	54,69	8.019,04
Santa Lúcia	49,04	17.022,40
Praia da Costa	21,84	6.393,00
Itapoã	27,20	2.931,00

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

Fontes: Prefeituras consultadas

81, faz logo questão de dizer: “A área é nobre, mas a gente não”. Ela conta que seu marido, já falecido, comprou o terreno e construiu a casa da família em 1950, quando não ha-

via energia elétrica nem água encanada no lugar.

REGRAS DE MERCADO

Professor de Arquitetura da Ufes, André Abe diz que muitos

desses moradores, que mais parecem “resistentes”, ocupam áreas com problemas de titularidade com a União, ou que, numa determinada época, não eram consideradas interessantes, e que o que vemos hoje é decorrente do capitalismo. “O mercado cria mercadorias novas, e torna outras obsoletas”.

Ele lembra que Jardim da Penha já foi considerado longe demais; que Santa Lúcia, assim como a Praia do Canto, foi alvo de projetos de loteamentos. Em Santa Lúcia, no passado, foram construídas casas para servidores públicos.

É também André Abe quem lembra que projetos de legalização fundiária do governo, em Vitória, acabaram expulsando moradores mais pobres de algumas

regiões, que valorizaram-se com o passar dos anos.

O secretário de Desenvolvimento da Cidade de Vitória, Kleber Frizzera, explica que as “sobras” ou vazios de loteamentos do passado foram sendo ocupados, fazendo com que a cidade não seja um tabuleiro contínuo, regular. Muitos desses vazios eram área do Patrimônio da União, que acabaram invadidas.

Com o tempo, ricos compraram de pobres, legalizaram terras, e hoje têm o privilégio de morar muito bem em locais antes desvalorizados. É o caso de Pontal de Camburi, bairro onde residem o prefeito João Coser e o aposentado Benedito Brumana. Valores do IPTU pago nos bairros revelam a existência dos contrastes.

FÁBIO VICENTINI

Vizinho do prefeito, ex-caçambeiro vê sua terra virar ouro

Quando a família chegou ao local, não havia nada. Hoje é um dos bairros mais valorizados

■ O orgulho de Benedito Brumana, 76 anos, de morar num privilegiado pedaço da Capital capixaba, à margem do Canal de Camburi, é visível. Seu Nego, como prefere ser chamado, dá os toques finais na construção do prédio onde já mora, em um terreno de 700 metros quadrados em Pontal de Camburi, em Vitória.

grande mangue.

“Este prédio deveria se chamar Paraíso”, diz ele, referindo-se à tranquilidade do lugar e ao contraste - para melhor da vida que leva hoje, em relação ao passado.

“Eu vim da roça, em Linhares, e aqui trabalhei como caçambeiro. Trabalhava de dia, levando areia para construções e, à noite, jogava aterro no terreno, que hoje abriga parte dos meus filhos e netos”, conta o homem.

Seu Nego afirma que sua mãe sempre sonhou em achar ouro em algum lugar. Por isso



■ O orgulho de Benedito Brumana, 76 anos, de morar num privilegiado pedaço da Capital capixaba, à margem do Canal de Camburi, é visível. Seu Nego, como prefere ser chamado, dá os toques finais na construção do prédio onde já mora, em um terreno de 700 metros quadrados em Pontal de Camburi, em Vitória, mesmo bairro onde reside o prefeito João Coser (PT).

Com uma diferença: o homem não tem a titularidade da terra, ocupada por sua mãe no início da década de 1960, quando tudo ali ainda era um

ção ao passado.

“Eu vim da roça, em Linhares, e aqui trabalhei como caçambeiro. Trabalhava de dia, levando areia para construções e, à noite, jogava aterro no terreno, que hoje abriga parte dos meus filhos e netos”, conta o homem.

Seu Nego afirma que sua mãe sempre sonhou em achar ouro em algum lugar. Por isso ela saiu de Linhares, e depois o chamou. “Acho que esse ouro que ela tanto procurou é esta terra aqui. Pertinho de mim, um cara está pedindo R\$ 350 mil em um terreno bem menor do que o meu”, diz seu Nego.



TRANQUILIDADE. “É o paraíso”, diz Seu Nego, que aterrou com as próprias mãos o terreno de 700 metros quadrados

“Vejo tudo ficando chique em volta de mim e me sinto mal”

FÁBIO VICENTINI



SONHO. Dona Júlia e outros 13 parentes moram em uma casa, fruto de invasão, mas resistem

■ Sem muro, com rachaduras nas paredes, a casa de dona Júlia Mariano de Jesus, 72 anos, na Rua Chafic Murad, em Bento Ferreira, revela a causa do seu assumido constrangimento. “Vejo tudo ficando cada dia mais chique em volta de mim, e não nego que me sinto mal. Queria ter uma casinha boa, melhor”, diz a mulher, que chegou ao bairro há cerca de 40 anos.

Naquele dia, com nove filhos,

a mulher e seu marido haviam sido despejados de um outro barraco no mangue existente na mesma região. Ele queria que todos fossem para “debaixo da ponte”, mas ela não aceitou a situação. “Vim da roça, lá de Aimorés, onde minha família tinha uma pequena condição. Não dava para aceitar uma situação daquela”, diz.

O local era um grande manjezal, e um homem, penaliza-

do da situação da família, lhe ofereceu outro barraco para morar. O barraco cedeu espaço a duas pequenas casas de alvenaria, onde vivem hoje 14 pessoas da família de dona Júlia.

Sua permanência no lugar é fruto de muita resistência. A terra não é legalizada, e não foram poucas as vezes em que a mulher se viu ameaçada de despejo pela União. A situação está sub judice.

Perto da praia e a poucos metros de prédios de luxo

FÁBIO VICENTINI



CONTRASTE. A empregada doméstica Iracema Guedes vive em uma casa de 18 m²

■ A cerca de mil metros de distância da casa de 18 m² onde moram a empregada doméstica Iracema Pinto Guedes, 54, dois de seus filhos e um neto, estão prédios cujos apartamentos de 250 m², instalados de frente para a Praia de Itapoã, em Vila Velha, na Rua Santa Catarina, chegam a custar até R\$ 1,2 milhão. Iracema Guedes mora na Rua Sereia de Itapoã, bem perto de um valão mal-

cheiroso, numa região onde estão também os condomínios Mar Azul e Costa do Sol, construídos pelo Inocoop-ES há mais de 20 anos.

Mas, nos últimos dez anos, todos ali viram-se cercados de construções de prédios de excelente padrão. A região ganhou até um shopping center, o Praia da Costa, mas Iracema diz que nunca foi ao centro de compras.

“Cheguei aqui quando meu filho, que tem hoje 24 anos, estava começando a andar. Foi a última vez em que eu fui a praia”, diz a mulher, sorrindo da situação.

Iracema conta que quando os prédios do Inocoop-ES, com apartamentos de 62 m², foram inaugurados, já “achava tudo chique”. Hoje, nem sabe o que dizer dos novos e luxuosos empreendimentos.